

Técnicos vêm falhas e conivência

DA REPORTAGEM LOCAL

Especialistas em segurança patrimonial surpreenderam-se com a facilidade com que os criminosos entraram na caixa-forte do Banco Central de Fortaleza. Para eles, as falhas no sistema de monitoramento, que não acusou o rompimento do piso nem a movimentação de pessoas no local, são consideradas gravíssimas.

"Devido ao alto valor guardado [cerca de R\$ 150 milhões], eles deveriam ter um sistema eletrônico moderno e funcionando perfeitamente. Assim, seria possível detectar impactos como a quebra do piso e a movimentação dos ladrões dentro do cofre", afirma José Jacobson Neto, diretor da GP, uma das maiores empresas de segurança privada do país, e presidente do Sesvesp, o sindicato da categoria em São Paulo.

Como o assalto aconteceu no final de semana mas só foi descoberto na segunda-feira, Neto acredita que os ladrões tinham conhecimento das falhas na segurança do prédio. "Ou então foram ajudados por algum funcionário do banco ou da empresa que fazia a segurança patrimonial", cogita.

A suspeita de participação de funcionários é compartilhada por Marcos Félix Loureiro, empresário do setor e presidente do sindicato da categoria no Espírito Santo. "Pode ser que os bandidos já soubessem como anular o sistema de segurança do banco, pois hoje há cabeças pensantes na criminalidade. Ainda assim é chocante a instituição não ter imagens gravadas da cena do crime."

De acordo com Loureiro, um sistema de vigilância informatizado simples, com uma central de processamento de imagens e uma câmera, custa cerca de R\$ 3.000. Sistemas semelhantes são usados até mesmo em prédios comerciais nas grandes capitais brasileiras.

"Hoje, usamos três vias de alarme, por celular, rádio e telefone convencional. É possível detectar em tempo real se alguma dessas vias é cortada ou inutilizada. Por isso mesmo

impressiona que um banco com um cofre tão cheio tenha permitido falhas tão primárias de segurança", diz Loureiro.

Muito bem planejado

Consultor privado em segurança patrimonial, Marcy José de Campos Verde conta que o avanço da tecnologia acabou com as barreiras intransponíveis.

"Se o ladrão tiver técnica e tempo, tudo é possível", afirma Campos Verde. "Eles tiveram técnica para fazer um túnel tão detalhista, com iluminação e refrigeração, e tempo para planejar e acabar a escavação dentro do cofre. Mas um sistema eficaz de segurança teria acusado a presença de pessoas no local. Como isso não ocorreu, pode-se supor que tenha havido a participação de alguém com conhecimento do banco."

O planejamento da ação também é ressaltado pelo engenheiro **Roberto Kochen, diretor do Sinaenco** (Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva). "Foi um assalto arrojado e muito bem planejado. Quem projetou esse túnel sabia o que estava fazendo, foi uma obra de cálculo", afirma Kochen, **que também é diretor da GeoCompany, uma empresa especializada em escavações em áreas de terra e rocha.**

(FABIO SCHIVARTCHE)